



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mestrado em Economia
Especialização em Economia Industrial

Os custos do homem de François Perroux

Patrick Logrado Rito Gomes

Trabalho de projeto orientado por: Doutor Vítor Neves

Julho 2013

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais, avós e irmãos por todo o apoio prestado e fazerem de mim quem sou. À Doutora Lina Coelho que sempre me ajudou no meu percurso académico. Ao Doutor Vítor Neves que me orientou na tese com imensa paciência e muito bons conselhos. Aos meus colegas e bons amigos, (Alice Gomes, Nicolas Gaspar, Hugo Miranda, José Fernandes, Ana Veloso, Pedro Heitor, Diogo Reis, David Melo, Lucas Lima, Luke Alkatiri, Cátia Soares, Dora Santos, Sandra Pinheiro e Carla Lopes, entre outros), que sempre me apoiaram e ajudaram tanto na tese como na vida académica. Gostaria também de agradecer à minha Faculdade pelos conhecimentos adquiridos.

Resumo

François Perroux, considerado por muitos como o melhor economista francês do século XX, fala numa economia avara, uma economia que despreza o homem e apenas se preocupa com o aumento de riqueza/produção para enriquecimento dos líderes (minoridade da população). Perroux sempre se preocupou com a vertente social da economia, apelando para a importância da reunião entre economia e ética. Introduziu o conceito de economia humana, mais preocupada com a totalidade da população e com o desenvolvimento humano. Nesse sentido, apresentou um novo conceito, fundamental no seu pensamento, o conceito de “custos do homem”. Este conceito, que caracteriza como ferramenta fundamental para os economistas, visava expor o que considerava como o mínimo de subsistência que cada ser humano deve ter assegurado. Os pontos essenciais nestes custos são a preservação da moral, saúde, liberdade e educação. Esta noção, apesar de um pouco ignorada, influenciou não só economistas do seu tempo mas também mais recentes.

Este trabalho visa explicar o conceito dos custos do homem, perceber em que contexto eles surgem e a sua importância no pensamento de Perroux.

No final, tento, de forma sintética, verificar se estes custos influenciaram outros economistas bem como as repercussões no pensamento económico contemporâneo.

Palavras-chave: custos do homem, economia do homem, economia do dom, desenvolvimento humano.

Classificação JEL: B2, B3

Abstract

François Perroux, considered by many as the best French economist of the 21st century, talks about a greedy economy, an economy that despises man and only cares about the growth of wealth/production for the enrichment of the leaders (minority of the population). Perroux always worried about the social dimension of the economy, appealing to the importance of bringing together economics and ethics. He introduced the concept of human economy ('économie humaine'), more focused on the whole population and human development. Accordingly, he presented a new concept, crucial in his thinking, the concept of "human costs" ('coûts de l'homme'), which he saw as one of the main tools of economists, aimed to expose what he considered as the subsistence minimum that each human being should have assured. The essential features of these costs are the preservation of morality, health, freedom and education. This notion, although a bit ignored, has influenced economists not only of his time but also modern economists.

This paper seeks to explain the concept of human costs, understand in which context they appeared and the importance they have on the Perroux's thought.

In the end, I try, in a very brief way, to verify whether this costs have influenced other economists as well as their repercussions on modern economics.

Keywords: human costs, human economy, gift economy, human development.

JEL Classification: B2, B3

Índice

1.	Introdução	1
2.	O conceito de custos do homem no pensamento de Perroux.	3
2.1	Origem dos custos do homem. Porquê e como surgem.	7
2.2	Perceção da economia do século XX perante os custos do homem.....	14
2.3	Os custos do homem no contexto das economias subdesenvolvidas	15
3	O programa de desenvolvimento de Perroux e suas repercussões na economia moderna	16
4	Influência noutros autores modernos.....	19
5	Conclusão	23
6	Referências bibliográficas	24

1. Introdução

Em pleno século XXI continua a falar-se nas desigualdades humanas, na destruição da natureza e na subjugação do homem pelo homem ou até mesmo na subjugação das nações mais fracas às nações fortes. Estes problemas foram desde há muito expostos pelos mais ilustres economistas e outros cientistas sociais, tendo muitos deles dado mesmo a vida ao lutar por uma vida mais digna para a totalidade da população. Muitos têm, na verdade, clamado contra as desigualdades sociais que afetam o desenvolvimento de uma nação. Procuraram, cada um à sua maneira, soluções para resolver estes problemas socioeconómicos. Para resolver um problema há que entendê-lo, e para tal François Perroux dedicou grande parte da sua vida ao estudo de uma economia que ele considerava de economia da avareza¹ e às desigualdades e má utilização tanto dos trabalhadores como da natureza. Perroux era um economista de Lyon (1903-1987), marginalista, aluno de Joseph Schumpeter, que considerava que a economia devia estar mais virada para a vertente social. Sempre se preocupou em reunir a economia à ética. Como diz J.P. Maréchal, “Perroux é um economista que «situa o homem no centro da economia»”.

Para Perroux era fundamental que numa nação a totalidade da sua população vivesse de forma digna, com condições mínimas de subsistência e de maneira livre. Não aceitando o conceito usual de desenvolvimento introduz uma nova definição, de forma inovadora, dizendo que o desenvolvimento é “*a combinação das transformações de ordem mental e social duma população que lhe possibilitam o aumento cumulativo e duradouro do seu produto real global*” (Perroux, 1964: 179). Com esta frase conseguimos ver bem o seu lado preocupado com a mudança de atitude da economia, que deveria passar a ser uma economia do homem (“... Économie de tout homme et pour tous les hommes.”), em que a economia para o homem todo seria aquela que não impeça o indivíduo de ser quem é, de manter os seus valores (ideia de justiça, verdade e a sua fé). Devendo ser esta a substituta da economia avara. Esta economia avara é entendida como economia em que só uma minoria (líderes) beneficia dela estando o resto da população a viver abaixo do limiar da pobreza, não se preocupa com os demais e segue uma teoria do “*rien pour rien*”, ou seja, segue como ideia de que não se dá

¹ Economie avare.

nada em troca de nada, quem produz e traz benefícios interessa, os restantes não sendo úteis não há necessidade de se preocupar com eles. Não é avara no sentido de não gastar dinheiro mas sim de só se preocupar com a acumulação de riqueza mesmo que prejudique milhares ou até milhões de pessoas.

Para Perroux, a economia deverá ser *o desenvolvimento para o benefício de cada um e de todos, das relações humanas através do uso de bens socialmente escassos e aproximadamente quantificáveis e contabilizáveis* (Perroux, 1951). Ou seja, as relações entre os seres humanos importam mais do que a mera acumulação de riqueza (o homem deixa de ser visto como meio para a obtenção de lucro, presente na perspectiva da economia avarenta); segundo, é retirada a ideia de uma globalização do agir humano, isto é, a ideia de que todos os seres humanos pensam/agem da mesma maneira, querem o mesmo. Para este autor a quantificação de bens raros é algo de carácter social, uma ideia construída socialmente.

O ser humano, para Perroux, deve ser social, consciente e livre, sendo também autónomo, ou seja, para ele era fundamental preservar a vida e a liberdade humana. Por isso introduziu o conceito de custos do homem. Estes custos visavam manter o estatuto de vida humana de cada trabalhador e cidadão.

A noção de custos do homem está em Perroux associada à noção de desenvolvimento, que ele distingue de crescimento, distinção bem presente na sua obra “*L’Économie du XX^{ème} siècle*”. Esta noção de custos do homem será o objecto de estudo deste trabalho: tentar compreender a origem do conceito, o porquê de introduzir um conceito que define o estatuto humano que deveria estar presente em cada ser humano, os contextos em que os custos do homem surgem e qual a sua importância no pensamento de Perroux. No final, depois de entendido tal conceito e verificar a posição de Perroux, iremos averiguar, de forma sintética, se estes custos influenciaram outros economistas bem como averiguar as repercussões no pensamento económico contemporâneo, antevendo uma breve conclusão.

2 O conceito de custos do homem no pensamento de Perroux.

Os custos do homem seriam uma aproximação do mínimo vital, isto é, comida, saúde e educação. Apesar do agir humano ser diferente de pessoa para pessoa, tal como refere o autor, existem necessidades básicas e universais. Estas necessidades devem ser asseguradas por uma entidade pública de forma a garantir que os homens tenham a sua moral, dignidade e liberdade protegida/garantida. *“Custos do homem _ os custos prioritários assumidos por uma potência pública, podendo ou não ser o Estado, para beneficiar todos os seres humanos das condições fundamentais da vida”* (Perroux, 1978).

Estas três, moral, dignidade e liberdade, Perroux descreveu que são atingidas passando por custos (custos do homem) e com estes custos deve ser necessário que se assegure que, tanto os trabalhadores como os não trabalhadores, estejam protegidos contra uma eventual morte no trabalho profissional ou fora dele, bem como garantir que o ser humano viva de maneira minimamente sã ao longo da sua vida, prestando-lhe desde apoio médico a auxílio de invalidez ou desemprego, completando com os custos de aquisição de conhecimento e tempo livre (Perroux, 1964: 384-385). É no emergir destes custos do homem que Perroux sustenta a queda da economia da avareza, que perde o seu lugar dando espaço a uma economia de todo o homem e para todo o homem.

Apesar de o próprio conceito de custos do homem poder ter varias interpretações, Perroux explica que neste contexto, como já foi dito, são aqueles que, através de uma entidade pública, assegurem as suas condições básicas de vida. Todos nós compreendemos que exista quem possa suportar tais custos, no entanto, nem todos o conseguem fazer, para tais indivíduos a entidade pública terá de o fazer, mesmo sabendo que alguns não trarão benefícios económicos (aumentar o produto real) ou até mesmo havendo hipótese de morrerem antes de se tornarem produtivos. É aqui que se atesta a boa vontade da economia, verificar se está disponível para auxiliar alguém, podendo este alguém não retribuir qualquer benefício para a economia. Mas há que entender que estes custos não visam apenas os trabalhadores, eles encontram-se relacionados com o respeito pelo ser humano, e a relação deste perante o meio. (Perroux, 1964).

Vamos agora tentar perceber como surge o conceito de custos do homem. F. Perroux dá-nos um conceito de desenvolvimento, como já dissemos, e é no contexto de transformação de ordem mental e social que ele introduz o conceito de Economia do homem.

Esta é uma economia que emerge da economia que ele designa de avarenta, não sendo uma avareza de alguns mas de todos, ou seja, não se encontra apenas presente nos indivíduos mas também nas nações. Esta economia avarenta seria então uma economia que valoriza o aumento ou melhoramento dos bens e das coisas não valorizando o ser humano, o tal desprezo pela realização dos homens. Para Perroux, ao longo do século XIX e XX, tanto os indivíduos como as nações colocaram de parte a consideração pela vida humana, não sendo algo que fizesse parte dos seus cálculos, ou seja, para eles o essencial seria seguir a regra do *“rien pour rien”*, que significa não dar nada sem receber algo em troca *“adota a regra da necessária contrapartida”* (Perroux, 1964: 376).

Para ele, o saber económico da altura (década de 50) estava apenas virado para o enriquecimento dos povos europeus, pouco preocupado com as realidades para além do enriquecimento, do ganho monetário, que seriam as condições elementares e fundamentais de vida humana. Acontecendo isto, a economia de empresa tornava-se impossível, sendo que a economia de empresa, para Perroux, era *“quando a maior parte dos valores económicos que aí se obtêm, ou a maior parte desses valores nos sectores estratégicos, forem obtidos através da ação desta instituição que é a empresa”* (Perroux, 1951).

Diz-nos ainda o autor que este princípio retifica uma visão parcial do funcionamento económico que conduzia a cálculos certamente enganadores, já que regiam uma economia construída e funcionando sem preocupações dos efeitos sobre a vida humana. Perroux, que sempre demonstrou uma visão mais humanista, remete-se para uma vertente moral e ao desenvolvimento do homem no seu todo (moral, liberdade e dignidade).

Perroux distinguiu o surgimento dos custos do homem nas nações economicamente fortes e nas economicamente fracas. Para as primeiras tratou-se de um processo demorado, levou o seu tempo até alguém (as classes mais favorecidas) notar que algo não estava bem, o funcionamento da economia necessitava ser corrigido. Apesar disto, grande parte da população ainda se encontra de fora, destacando-se a passagem de um capitalismo sem freio para um capitalismo humano.

Nos países economicamente fracos, a forma de atuar revela ser diferente, existe um esforço maior que, tal como diz o autor, “*corre o risco de desencorajar as elites políticas*” (Perroux, 1964: 400). O grande problema é que estes países sofreram abusos por parte dos países dominantes, sendo que estes últimos mesmo depois das descolonizações mantiveram uma forte dominação, o que provocava desconfiança nos países dominados. Outro entrave colocado era a possível existência de um Estado que aplica práticas económicas mercantilistas, fortes idealistas da defesa do comércio interno, da criação de Estados-nacionais e opressão operária (operários a viver no limiar da subsistência).

F. Perroux remete-nos para vários pontos essenciais: as lacunas da teoria neoclássica, o que ele considera como a maldade do mercantilismo; tratou de explicar as desigualdades entre economias desenvolvidas e subdesenvolvidas e as dificuldades que elas têm para aplicar os custos do homem serem diferentes, indicando que as desenvolvidas dominam e exploram as subdesenvolvidas, impedindo-as de se desenvolver, uma economia onde existe desprezo pelo homem, a importância do progresso com carácter coletivo, o facto de ainda não se saber calcular os custos do homem e a necessidade de se aplicar uma economia que valorize o homem, que não acarrete uma decadência do homem.

Para Perroux a irrupção dos custos do homem é um dos marcos mais importantes da nossa história, chegando ao ponto de a comparar à abolição da escravatura (Perroux, 1964: 400). Estes custos significam que o ser humano está cansado de lutar por (sobre)viver e ver os ajustamentos económicos serem efetuados através de degradação de vida humana.

Para François Perroux os custos do homem estariam bem presentes no artigo 25 da Declaração dos Direitos do Homem, aprovada na Assembleia da ONU em Paris em 1948 (Poirot, 2007).

“Artigo 25 •: 1. Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade”.

Ele indica que o homem, desde que nasce até que morre, tem um propósito de vida e que lhe devem ser asseguradas condições mínimas de subsistência para conclusão de tal propósito. Claro está que nem todas as pessoas precisam do auxílio, podendo elas mesmo assegurar tais custos, para as outras deve existir quem se responsabilize por tal. Os custos do homem, tal como o autor indica, variam no tempo e no espaço, explicando que as necessidades de hoje não são as de há décadas atrás. Não são fixos, evoluem com as transformações da técnica e da poupança, o excedente de produção (Perroux, 1978). Os custos do homem podem diferir, nuns casos podem ser custos públicos e noutros como políticas de expansão, como é o caso dos países subdesenvolvidos, como a maioria destes países vive da agricultura e necessitam dela para se industrializar, o estado deverá investir no desenvolvimento de um ou mais produtos agrícolas de forma a se desenvolver. Logicamente que os custos do homem vão também diminuindo com os resultados positivos, por exemplo no caso da recente gripe A, que tanta morte causou, ao ser inventada a vacina houve investimento para esta ser desenvolvida, grandes investimentos porventura, que agora não são mais necessários, apenas serão necessários custos para a criação, logo os custos do homem neste caso diminuem.

Os países para começarem a assegurar os custos do homem e também assim criarem um mercado, deverão tomar medidas específicas e criar políticas económicas de desenvolvimento.

Em síntese, podemos dizer que os custos do homem são custos vitais para o bem-estar humano, o mínimo para que cada ser humano se desenvolva, visam cada ser humano, não deixando ninguém de parte. São custos que variam no tempo e no espaço, ou seja, cada nação tem as suas necessidades e deve trabalhar para encontrar quais as necessidades de cada um dos seus habitantes para lhes promover o seu desenvolvimento, para lhe assegurar uma vida digna, isto é, tem de assegurar os três pontos essenciais: saúde, educação e moral. Perroux tinha a ideia que estes custos poderiam ser assegurados ou não pelo Estado, de preferência que se criasse uma entidade supranacional para que esta se assegurasse que todos os seres humanos vivessem de forma digna e desenvolvida. Não são custos fixos.

2.1 Origem dos custos do homem. Porquê e como surgem.

Podemos dizer que a preocupação pelo bem-estar das populações, em geral, não se iniciou com François Perroux. Esta preocupação esteve presente em grandes obras ou discursos dos mais diversos e grandes economistas. Adam Smith fez referência à economia inumana praticada pelo mercantilismo, que apenas está preocupado com a riqueza dos líderes das nações, não se debruçando sobre os problemas do resto da população. Em 1776, Smith faz alusão ao egoísmo humano, força motriz do mesmo, retratada na sua obra “*A Riqueza das Nações*”. Stuart Mill também foi crítico da “humanidade” da sua época, indicando que o ser humano deveria ser livre de fazer o que bem entendesse, desde que não prejudicasse mais ninguém.

Também o anarquismo, o socialismo utópico e o marxismo manifestaram idênticas preocupações. Três ideologias diferentes mas todas com fundadores preocupados com os problemas da economia, de um Estado pouco preocupado com o homem e a existência de desigualdades humanas. O tempo em que surgem de pouco as separa (século XVIII/XIX) e com o mesmo propósito: lutar contra um Estado que apenas se preocupa com o bem-estar de apenas uma minoria. Robespierre, francês revolucionário, lutou pela abolição da escravatura, pelo sufrágio universal, pela igualdade dos homens, entre outros, foi preso e guilhotinado. Amigo deste último, François Noël Babeuf foi um jornalista francês que participou na revolução francesa (1789). Lutou contra um governo que ele considerava tirano, exigindo uma igualdade real em vez da igualdade proclamada. Ele foi descrito como anarquista, socialista e marxista, se bem que estas palavras não existissem no seu tempo. Ele fundou a Conjuração dos iguais, uma maneira de combater o governo, de maneira ilegal, para poder atingir a tal igualdade real. Também foi guilhotinado. Marx e Engels reconhecem-no como precursor do marxismo, e também é considerado como precursor do socialismo utópico. Karl Marx também critica o capitalismo, maioritariamente a forma como as nações capitalistas exploram a força de trabalho. Junto com Engels estuda o capitalismo, acreditando que a classe trabalhadora, através da revolução, acabaria com o capitalismo. Apesar das diferenças entre o marxismo e o socialismo utópico notam-se algumas semelhanças no que respeita à defesa da igualdade e o desejo de melhoria da sociedade. Robert Owen, um dos fundadores do socialismo utópico, foi coproprietário e gerente de uma fábrica e implementou regras revolucionárias para o seu tempo, tendo diminuído o horário dos seus funcionários, abriu também uma loja com produto a um preço pouco acima do preço de fabrico, mostrando a sua preocupação com os mais desfavorecidos. Charles

Fourier, também critica um governo que não respeita o ser humano, perpetuam o sofrimento humano, criticando tando o capitalismo como a moral da sociedade, similarmente defendeu a igualdade do género humano. O Conde de Saint-Simon imaginou o mundo como uma grande fábrica, onde a exploração do homem pelo homem daria lugar a administração coletiva.

A ideia dos custos do homem de François Perroux parece ter surgido de uma influência coletiva destes ideais. Todas estas ideias (anarquia, os socialismos e Perroux) têm muitos traços em comum, a ideia que o capitalismo e mercantilismo abusam do poder e não se preocupam com a totalidade dos seus habitantes e que se devem tomar medidas para garantir que o trabalhador, ou cidadão, disponha das condições mínimas de subsistência. Ou seja, um objetivo é comum entre todos, os homens devem ser tratados como iguais, acabando com a exploração do homem pelo homem.

John M. Keynes, criticou o Marxismo, indicando que o capitalismo poderia funcionar com algumas alterações, debruçando-se sobre o problema do desemprego, do pleno emprego (incompatível com o capitalismo). Em 1941, William Beveridge, então ministro do trabalho do Reino Unido, entrega um relatório, que ficou conhecido como o plano Beveridge, onde propunha uma solução para os problemas sociais da altura, seria basicamente uma lei que obrigava as pessoas com idade para trabalhar a pagar um imposto que seria utilizado para auxiliar as pessoas desempregadas, reformadas ou doentes. Foi, talvez, neste caldo de ideias e de revolta com a miséria vivida no mundo que François Perroux se inspirou para os seus custos do homem. Foi numa altura em que se vivia uma fase de pós-guerra e como se deve compreender a população mais jovem faleceu na guerra, e portanto, verificava-se um envelhecimento da população, em que a esperança de vida também aumentava graças as melhorias vividas nos países ocidentais. As velhas nações irão utilizar como argumento, para fazer face à necessidade dos custos do homem, a dificuldade em suportar estes encargos, o envelhecimento da população leva a um aumento dos custos de sustentabilidade, sabendo que os mesmos já não irão ser produtivos pois encontram-se numa fase final de vida. No que toca aos países economicamente fracos, suportar os custos do homem torna-se ainda mais difícil, e pode suscitar desistência por parte dos líderes políticos para suportar tais encargos. O atraso no nível de vida destas nações é notável, transparecendo as diferenças sociais nas mesmas. Além disso, ao considerarem que o mais importante é assegurar o aumento de produtividade, mesmo que isso implique que a sua população passe fome, o homem é apenas um meio para produzir, não interessando o mal que isso implica para ele.

Na altura em que o livro “L’*économie du XX^{ème} siècle*” foi escrito vivia-se um dos momentos mais tensos da história, a guerra fria, e como tal, as grandes potências mundiais ajustavam o seu orçamento em conformidade com os gastos de rearmamento. Estes gastos eram de elevado valor, e segundo o autor, tais gastos podiam e deviam ser utilizados para o bem comum. Para Perroux, trocar os gastos com o rearmamento por gastos com a humanidade, seria algo fundamental para auxiliar o homem nas suas necessidades básicas, porém, não seriam suficiente. Os Estados Unidos e os países ocidentais possuíam cerca de quatro vezes mais rendimento nacional que os países subdesenvolvidos globalmente (*Cahiers de L’I.S.M.E.A n°27, 1978*). Os países desenvolvidos já tinham percebido que deveriam auxiliar o homem a manter o seu estatuto humano, no entanto, a corrida para a obtenção de material bélico parecia mais importante na altura, as armas seriam o meio necessário para proteção da nação e, como tal, deveriam ser a prioridade máxima da altura.

Perroux já antes da grande guerra era conhecido como grande teórico do pensamento económico. Já nessa altura falava na falha da economia neoclássica, na ganância das nações, por implementarem uma economia da avareza, uma economia que não reconhece a mesma como tal fazendo o povo acreditar que esta é a verdadeira via para o bem global. Perroux, no entanto, não a reconhece como justa mas sim sedenta de poder e riqueza. Ignora o bem-estar humano, desde que este lhe traga retorno financeiro. O homem na economia da avareza serve para trabalhar sem interessar se perde ou não a sua liberdade. Porque na realidade perde, o homem não se vende mas vende os seus serviços, e como tal submete-se à vontade do seu patrão, que se torna quase como seu proprietário. Impõe-lhe regras, com as quais o trabalhador pode não concordar, mas ao aceitar o contrato, passa a ter de cumprir sem “oferecer resistência” (*Cahiers de L’I.S.M.E.A n°27, 1978*).

Perroux, em “L’*économie du XX^{ème} siècle*” (*Perroux, 1964*), realça a importância para o acordar do homem perante esta submissão à ganância dos líderes, porém esta submissão não passa apenas pela submissão do homem no trabalho, passa também pela dominação dos povos desenvolvidos sobre os povos subdesenvolvidos, impõe-lhes a sua vontade, e aproveita-se do facto dos submissos precisarem de apoios para o seu desenvolvimento para impor condições no que toca a trocas comerciais, maioritariamente vantajosas para a nação dominadora. Apesar da descolonização que houve no pós-guerra, as nações dominadas continuam a sofrer da subjugação antigamente vivida. O nosso autor sempre acreditou que este acordar devia ser rápido, e

principalmente nos jovens. Eles poderiam surgir com uma visão diferente, ainda não atingida pela mente avara dos líderes, os jovens necessitam reconstruir a economia, a economia do homem pode partir dos mesmos.

Existe maldade na economia mas também no local de trabalho, pois há que salientar que o local de trabalho não é apenas onde o trabalhador executa as suas funções, é também um local onde desenvolve a sua personalidade. O trabalhador vive grande parte do dia a trabalhar, logo é lógico que irá afetar em muito a sua maneira de ser, de pensar, de se relacionar com os outros. É aqui que ele tenta aumentar a sua riqueza, mas mais importante para ele, aumenta o seu estatuto, o seu nível hierárquico. O homem através do trabalho, mais que procurar riqueza procura estatuto, quer diferenciar-se do resto da sociedade, destacar-se, tanto a nível social como a nível profissional. Perroux criou uma definição de espaço económico distinta da habitualmente utilizada, vai mais além, no sentido em que a usa mais uma vez para criticar a economia da altura. O espaço económico deve ir muito mais além das fronteiras, do espaço limitado pelo Estado-nação, ele deve ser entendido como o espaço onde as empresas definem as suas estratégias, definem os preços, onde as empresas definem o seu mercado.

Neste contexto surge a ideia de dominante e dominado, criticando os economistas pelos seus modelos feitos para um mundo perfeito, pois para estes o mercado efetuava trocas justas por agentes iguais. É aqui que Perroux chama a atenção para a importância de modelos mais corretos, uns dominam, por vezes quase ou na totalidade em situação de monopólio e impõem os preços dos *inputs* e *outputs* aos restantes concorrentes. Estas desigualdades devem ser expostas, segundo o autor, e expô-las em modelos mais corretos mas, claro está, menos agradável de ver.

Segundo o autor, as nações unidas deveriam estabelecer um centro de desenvolvimento, que fizesse pressão, chegando ao ponto mesmo de obrigar as nações a utilizar parte dos seus recursos no cobrimento dos custos do homem. Até o próprio colonialismo é abalado por esta mudança moral, passando as nações dominantes a ter como dever moral auxiliar as nações dominadas a tornarem-se independentes caso seja a sua vontade.

Perroux, no seu trabalho *Note sur les coûts de l'homme*, explica uma série de acontecimentos à volta do surgimento dos custos do homem, acontecimentos importantes para que os custos se inserissem na economia, até mesmo na visão dos jovens economistas, como Perroux dizia.

Queda da avareza das nações.

Perroux explica que as nações por si só não se encontram aptas a ter uma economia do homem viável. Terão de se ligar a outras nações, internacionalizar-se. O autor fala na necessidade de uma “organização supranacional” e numa economia mais aberta e flexível perante as outras. Os povos devem unir-se de forma a eliminar as fronteiras que separam as nações, irradiar os nacionalismos de forma a aumentar o seu bem-estar comum.

No século XIX viveu-se um período de miséria e subalimentação, porém camuflado pela prosperidade verificada na América, mas esta verifica-se, segundo Perroux, pela maldade humana, pelo mercantilismo e nacionalismo ou, como diz o autor, pela crueldade do homem branco (em referência à submissão dos países dominados aos países dominantes). Um período marcado pela malvadez da humanidade, não é algo individual, mas sim no geral. A economia avara engana o homem com falsos números, incentiva-o a aumentar a sua riqueza independentemente do que aconteça com os seus semelhantes ou até mesmo com a natureza. A destruição da natureza, para a economia avara, é algo essencial de forma a aumentar a riqueza, não se preocupando assim com as gerações vindouras. Mas não se fica por destruir a natureza, o homem também destrói o homem. A industrialização, segundo o autor, não veio facilitar a vida da humanidade, bem pelo contrário. Leva o mesmo a uma vida de monotonia, sofrimento, sem vida própria fora da empresa. Passa o dia a repetir os mesmos gestos, e aumenta a sua carga laboral, impedindo o homem de ter *hobbies*, vida social. A divisão do trabalho veio diferenciar estatutos humanos, uns comandam, enquanto outros obedecem a um trabalho forçado, exaustivo que os impede de ter relações com os seus colegas, impede o homem de evoluir socialmente. O nosso autor valoriza mais que tudo a liberdade humana, sendo que esta não poderá existir nesta industrialização. O homem vende o seu serviço, mas ao vendê-lo passa a vender a sua liberdade. O homem é sujeito às ordens do seu superior, deve obedecer-lhe, ignorando para tal as suas ideias. Deve fazer o que lhe é pedido, mesmo que não concorde. Ao longo deste século verifica-se que as nações estão mais centradas no lucro do que na preservação da vida humana, o ser humano não passa de um peão para atingir um objetivo – atingir a maximização do lucro. As nações avarentas tiram proveito do ser humano para atingir este bem-estar para alguns, porém aparentam esquecer-se que prejudicam massas para tal. Mas no século XX, acabando a segunda guerra mundial, alguma mudança ocorre com a decisão de auxiliar os povos, garantindo-lhes um estatuto de vida mais adequado e para tal tem de cair, e cai segundo

o autor, a avareza das nações e a ideologia do Nothing for Nothing, ou seja, “*o principio da necessária contrapartida e a onerosidade elevada à categoria de jogo, foram de facto, abandonados*” (Perroux, 1964: 381).

A irrupção dos custos do homem

É com a ideia de irrupção dos custos do homem (opinião do autor) que conseguimos compreender melhor esta mudança de atitude perante a vida humana. Perroux fala que o conceito de salário foi abalado, pois “*com o salário de rendimentos se veio combinar um salário social*” (Perroux, 1964: 381). Este salário social visa assegurar o mínimo de vida humana, garantindo este mínimo de duas formas. 1º Deve auxiliar os desempregados com um mínimo de subsistência (subsídio de desemprego), sendo que os trabalhadores não podem receber menos que o subsídio de desemprego. 2º Deve calcular o número geral de trabalhadores, o custo fixo do trabalhador é o produto do número total de trabalhadores pelo salário mínimo de subsistência.

A ideia que retiro é que já poderemos dizer que se aplicam os custos do homem mas de forma incompleta, pois como explica o autor as ferramentas ainda são muito rudimentares, no entanto, já se verifica uma maior atenção a cada ser humano, pois já se asseguram condições básicas para todos os seres humanos, até mesmo os inválidos (não produtivos), condições básicas mas não as essenciais, como diz Perroux “*as nações modernas ocupam-se do que é mais urgente e mais fácil*” (Perroux, 1964: 382).

Insolvabilidade das nações isoladas

As nações têm imperativamente de deixar de se isolar, pois temos casos em que os custos do homem são impossíveis, como por exemplo nos países afetados pela guerra, nos países subdesenvolvidos em que se continua a deixar muita gente morrer por falta de condições. Porém, no meio disto, “*já há nações que ganham consciência do conceito de custos do homem apesar de ainda incompleto (caso da França e da Inglaterra), as pressões internas destes países impelem a uma socialização dos produtos globais nacionais, através das técnicas do socialismo parcial, das nacionalizações, da redistribuição do rendimento*” (Perroux, 1964: 385).

Perroux deu grande importância ao dom no que toca ao desenvolvimento. Para ele seria bem mais benéfico doar aos países em desenvolvimento do que dar com o intuito de ganhar com isso, pois o país que recebe a doação irá usá-la de forma a adquirir/importar equipamentos, aumentando assim o seu «produto real global» e este

aumento irá beneficiar o país doador através de importações e exportações. Neste contexto insere-se o carácter coletivo da atividade económica, explicando que tudo está ligado, “*o produto de uma empresa depende do produto da indústria, que depende do produto da nação, que depende da região do mundo em que a nação se insere, que depende do conjunto das regiões articuladas do mundo*” (Poirot, 2007). Segundo Perroux, as próprias inovações de um país não são exclusivas do mesmo.

A fecundidade das novas combinações à escala supranacional

Perroux fala na importância de uma organização supranacional, diz-nos que prevê como grande objetivo dos povos do século XX uma união económica. Explicando que esta previsão não vem do nada, na altura já se notavam sinais para tal acontecimento (constituição de espaços de política comum visando a reconstrução e o desenvolvimento). Mais uma vez o autor refere a importância dos custos do homem e a urgência em aplicar o conceito, no entanto, só podem ser cobertos “*por uma inovação supranacional maciça e imediata*”, isto é, que as nações passem a trabalhar em conjunto, em vez do que o autor chama de competições guerreiras. O autor fala em “*criar sectores-motores por grupos de atividades em vez de acionar e combinar territórios nacionais*” (Perroux, 1961: 386-387).

Da avareza das nações a uma economia do género humano

Urge o surgimento de uma economia que o autor classifica de economia do género humana, existem demasiadas pessoas abaixo do limiar da pobreza e que devem ser auxiliadas, e a destruição do homem pelo homem, bem como a destruição da natureza pelo homem deve acabar. Passa-se a perceber que se deve cobrir os custos do homem a nível mundial, passando a ter repercussões positivas na economia. As nações devem deixar de pensar apenas nelas, tornando o auxílio a nível mundial. O autor sugere às nações uma economia do dom, ou seja, transferências de capitais sem contrapartida (em contraposição à regra do nada por nada) através de impostos estatais, servindo à população de satisfazer os seus propósitos desinteressados. Esta economia do dom, segundo Perroux, é uma ajuda pública, desinteressada, que visa o desenvolvimento.

Verifica-se uma diferenciação das nações ao mais alto nível, dois terços da população mundial vive miseravelmente. As diferenças de salário são enormes e podem ser divididas as áreas em três grupos: países desenvolvidos, semi-desenvolvidos e insuficientemente desenvolvidos. A população dos países menos desenvolvidos não têm

a alimentação necessária, passa fome. Há uma falha na educação, talvez por falta de aposta na mesma ou por impossibilidade, a maioria da população é analfabeta o que só piora o país. Nesta época, pouco diferente da atual apesar da propaganda efetuada nos dias de hoje, a economia não era “amiga” da natureza, a sua destruição era fundamental para a obtenção de lucro, nada mais importava, o autor até compara o tratamento dado à natureza à própria maneira da economia tratar o homem, não o respeita e não se importa com aquilo que lhe aconteça pois o seu propósito é a obtenção de lucro para a empresa. O autor passa a explicar um pouco melhor esta economia que designa por avara. Ela é totalmente nacionalista e trabalha para o bem da nação (diz a mesma que sim), do que é nacional. O produto é da nação, e os estrangeiros devem pagar um valor justo se quiserem obtê-lo. O produto nacional não é cedido sem a nação receber algo por ele, algo que ela considera justo, isto é, que lhe seja lucrativo. O que o autor considera de mais grave será a falta de humanismo desta economia, que não se importa de prejudicar a sua população desde que esta lhe traga lucro. Perguntamos nós «mas a população não se revolta contra tal metodologia?», e a resposta é: não. E não se revolta pois a economia expõe os resultados e estes são positivos e máximos, no entanto, nem todos retiram proveito dos mesmos. Como explica o autor, a economia avara confunde os trabalhadores com estes valores e este falso progresso humano.

2.2 Perceção da economia do século XX perante os custos do homem

Este século presenciou inúmeros progressos privados que tiveram alcance nacional. Apesar de Perroux não acreditar neste progresso privado, não acredita que o Estado não tenha auxiliado tais projetos. Certo é que apenas a inovação supranacional pública ou quase pública, que sustenta o aumento do produto real, pode cobrir os custos do homem. A economia deve ganhar consciência que, ao transferir capitais de regiões do mundo mais abastadas para regiões mais necessitadas, pode provocar uma melhoria no que toca à produtividade, mostrando assim o seu lado mais humano. O autor conclui com uma breve visão da economia mundial, uma economia que continua a viver sem preocupação pelo bem-estar do indivíduo, afirmando até que há uma evolução humana. Esta evolução humana, errada para o autor, não passa do egoísmo e maldade daqueles que apenas olham a números, que acreditam que o crescimento passa apenas pelo aumento de riqueza, mesmo que esta riqueza só se reflita numa minoria, deixando de fora uma população em massa na miséria. *O século XX apesar de marcado pelas transformações*

sociais, não se encontra ainda consciente de tais transformações. As nações ainda não perceberam que os custos do homem já se encontram presentes no pensamento económico (Perroux, 1964).

Perroux acredita que há uma mudança no asseguramento dos custos do homem, seja pelo facto de existir uma mudança de mentalidade da população, que ganha consciência dos seus direitos e liberdades e passa a exigir mais ao Estado, ou seja pelo facto de existir uma grande evolução tecnológica, que melhora a vida da população, mais capaz de assegurar ela mesmo os custos do estatuto humano, os custos do homem (Perroux, 1964: 400).

2.3 Os custos do homem no contexto das economias subdesenvolvidas

Os países subdesenvolvidos têm noção da miséria em que vivem, sabem muito bem como a Europa e os Estados Unidos da América do Norte vivem bem acima deles. Conscientes disso, irão criar programas de desenvolvimento de forma a reduzir/eliminar a miséria existente. Infelizmente, há a possibilidade das elites usarem a miséria para aumentarem ainda as suas fortunas, o que poderá levar a revoltas das populações, chegando mesmo ao ponto de uma grande parte delas se tornar xenófoba perante a tirania dos povos dominadores (exploradores), como refere Perroux.

Perroux explica-nos que o subdesenvolvimento não pode ser tratado pelas nações de forma isolada:

“O subdesenvolvimento não pode ser isolado de uma análise económica de desenvolvimento;

Há a necessidade de rever e melhorar a teoria rudimentar do crescimento e desenvolvimento” (Perroux, 1978).

Perroux realça os grandes investimentos realizados nos países subdesenvolvidos, maioritariamente, pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido. Apesar de fortes investimentos, constatamos que não se trata dos dons desinteressados de Perroux², são feitos esperando retorno dos mesmos (petróleo, algodão, cobre, etc.). Estes grandes investimentos revelam a forte dependência que os países subdesenvolvidos possuíam; o pior é que a maioria desses países obtinham o seu rendimento das suas exportações, que por sua vez se reportava a um produto quase total, ou seja, a quase totalidade das suas

² A economia do dom será explicada no capítulo seguinte.

exportações apenas se reportava a um produto, logo ao ser monopolizado por estrangeiros, a economia nacional não evolui. Outro problema é a luta entre oligopólios estrangeiros pela obtenção desse produto, gerando o mesmo resultado problemático.

O papel do economista, segundo Perroux, é o de encontrar utensílios para potencializar o desenvolvimento humano, seja para países desenvolvidos ou não. Este utensílio ou ferramenta é o conceito de custos do homem.

Perroux divide o mundo como que em dois, nações capitalistas e não capitalistas, sendo que para as capitalistas cada homem vale consoante o que tem, o seu património. Aqui ainda acrescenta que o próprio mercado depende dos mais ricos pois impõe-lhe certas condições, como fixar preços. Estes países levam-nos quase a pensar que para eles o homem nada vale, no sentido em que se um homem viver na miséria é aceitável, pois são riscos que acontecem.

Já os não capitalistas, como era o caso da União Soviética (antiga Rússia, hoje capitalista), poderemos concluir que os custos do homem podem estar presentes na economia, não obstante, não é uma economia que cobre os custos do homem mas uma economia à qual irei dar o nome de economia do trabalhador, no sentido em que se trata dos custos do homem mas aplicado apenas aos trabalhadores.

3 O programa de desenvolvimento de Perroux e suas repercussões na economia moderna

Como já deu para entender, François Perroux, grande crítico da guerra e do rearmamento, propõe às nações utilizar o financiamento das armas para promoção do desenvolvimento e a criação de uma entidade, centro mundial, com o propósito de controlar esta promoção a um nível mundial. Esta promoção seria baseada no conceito de economia do dom.

Utilizar o financiamento do rearmamento seria bem mais sensato, podendo utilizar-se as recolhas estatísticas já efetuadas para o programa de rearmamento mas agora para os programas de desenvolvimento. Através de estudos sobre as Nações Unidas o autor revela que a utilização do financiamento do rearmamento beneficiaria em muito os países subdesenvolvidos, no entanto, há que tentar perceber se as nações estão dispostas a tal mudança de visão, “*serão elas capaz de deixar de matar, de proteger e de valorizar a vida*”? (Perroux, 1964: 401).

Esta ideia de deslocação de financiamento (rearmamento para desenvolvimento) não tem impacto negativo no funcionamento da economia, iria revelar uma economia do dom, bem como não poderá ser criticado pelos agentes económicos, pois as armas não beneficiaram os consumidores, apenas retiraram dinheiro em massa da economia (mercado).

Mas este deslocamento terá um impacto negativo na indústria de armas, porém, como explica o autor este impacto será compensado, este financiamento é utilizado sob forma de dom (*gift*), estes irão servir para que os países que receberam o dom adquiram equipamentos para se desenvolver, estes depois recompensarão os países que lhes concederam o *gift* com contribuições calculadas por uma entidade central segundo o seu aumento de produto real.

Agora algo interessante será comparar os objetivos internacionais com o fim de integrar uma economia do género humano (Objectifs du Millénaire pour le Développement - OMD) com os custos do homem de Perroux. Apesar de a noção de custos do homem ter sido ignorada, a semelhança entre as diretivas acordadas entre os líderes mundiais é bem observável, tal como refere Poirot. Os objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) surgem da Declaração do Milénio das Nações Unidas, adotada pelos 191 estados membros no ano de 2000, apresentando uma série de compromissos até 2015, com vista a um desenvolvimento sustentável dos povos. Encontramos os custos do homem presentes na grande maioria delas, sendo oito os objetivos:

Objetivo 1: Erradicar a pobreza extrema e a fome;

Objetivo 2: Atingir o ensino básico universal;

Objetivo 3: Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;

Objetivo 4: Reduzir a mortalidade infantil;

Objetivo 5: Melhorar a saúde materna;

Objetivo 6: Combater o VIH/AIDS, a malária e outras doenças;

Objetivo 7: Garantir a sustentabilidade ambiental;

Objetivo 8: Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

Em contrapartida, os custos do homem são assim classificados por Perroux:

“Num aglomerado humano, os custos do homem repartem-se, operacionalmente, por três grupos:

1. *Custos que obstam à morte dos seres humanos (combate à mortalidade no trabalho profissional e fora dos limites desse trabalho);*
2. *Custos que permitem a todos os seres humanos um mínimo de vida física e mental (atividades de prevenção higiénica, de assistência médica, de auxílio na invalidez, velhice e desemprego);*
3. *Custos que permitem a todos os seres humanos uma vida especificamente humana, isto é, caracterizada por um mínimo de conhecimento e um número de tempo livre (fundamentalmente: custos de instrução elementar, custos dum numero de tempo livre).” (F. Perroux, 1964)*

Daqui conseguimos retirar as semelhanças entre os objetivos, podendo incluir os objetivos nº 1.4 e 6 no primeiro grupo de Perroux (obstam à morte dos seres humanos), o objetivo nº 8 inserido no segundo grupo (permitem a todos os seres humanos um mínimo de vida física e mental) e o objetivo nº 2 inserido no terceiro grupo (permitem a todos os seres humanos uma vida especificamente humana), sendo que o objetivo nº 7 não está diretamente ligado aos custos do homem, todavia, Perroux sempre evocou a importância da natureza e a importância de lutar contra a destruição da natureza pelo homem (Poirot, 2007:844).

Como refere Poirot, o POM (Projects Objectif Millenaire) também concorda com a ideia de economia do dom de Perroux, o dom será a melhor forma para atingir os OMD.

Deparamo-nos com grande semelhança entre os OMD e o conceito de economia do dom de François Perroux. Tanto ele como o POM recomendam o dom em vez do empréstimo, assinalando a importância de anular o valor do empréstimo aos países com menores rendimentos, e no caso daqueles com rendimentos intermédios dever-se-ia aliviar o valor. Perroux explicou bem o porquê de tal ato, primeiro para que o empréstimo não agrave ainda mais a situação do país e, segundo, para que este aproveite o dom de forma a se fortalecer com equipamentos, melhorando assim a sua produção, o seu produto.

Outra grande semelhança é o apoio ao auxílio multilateral, pois um auxílio bilateral, na maioria das vezes não é desinteressado. O objetivo de um dom deve ser desinteressado, é dar com boas intenções sem esperar receber algo em troca, e para evitar estas situações, já Perroux havia dado a ideia de criar um centro responsável pela ajuda ao desenvolvimento para que os dons não se transformassem em pseudo dons

(seja por um dom com maus resultados, seja um dom com a intenção de se vir a ganhar algo com ele).

Como forma de financiamento destes dons, Perroux tinha referido o desarmamento generalizado, algo que não iria pedir um aumento de esforço por parte da população, no entanto, no que toca os OMD, o POM pede às nações doadores um aumento de esforço por parte da população, ir buscar aos fundos públicos. Poirot deixa-nos com a ideia de que se utilizássemos hoje o financiamento destinado aos militares, apesar da diminuição de investimento nele, conseguiríamos muito bons resultados, porém, apesar da diminuição não foi verificado um aumento de ajuda pública ao desenvolvimento (APD).

Com este grande projeto podemos verificar que os ideais de Perroux não foram esquecidos. Apesar de não tão ambiciosos, os OMD estão muito próximos da ideia do autor (cobrir os custos do homem, criar uma economia do género humano, uma economia do homem e para todo o homem) (Poirot, 2007).

4 Influência noutros autores modernos.

Karl William Kapp (1910-1976) foi um economista que ao longo da sua vida chamou a atenção para os custos sociais e ambientais. Foi um dos pioneiros da chamada economia ecológica³.

Kapp utilizou os seus esforços teóricos na discussão de alguns conceitos cruciais no seu pensamento, como “condições de vida mínimas adequadas”, “mínimos sociais” (Neves, 2012), entre outros.

No livro *The Foundations of institutional economics*, editado em 2011 com base num manuscrito não publicado do autor, Kapp (2011) faz referência aos custos do homem de Perroux. Fala na ideia, de Perroux, de haver uma entidade pública que se encarregue de preservar a vida e liberdade humana, da necessidade de se caminhar para uma economia humana. No capítulo “*A theory of human needs and social mínima*” consegue-se perceber a importância que Kapp dá à necessidade de se explorar ao máximo a ideia de necessidades humanas, que em seu entender não são apenas necessidades fisiológicas mas também psicológicas. Como este autor explica, na altura houve uma grande evolução das áreas como sociologia, biologia, entre outras, e estas explicam a

³ Sobre a obra de Kapp veja-se “ (<http://www.kwilliam-kapp.de/>)”.

importância das necessidades psicológicas para promoção do desenvolvimento de cada um.

Kapp fala no conceito de necessidades mínimas da existência.

Para este autor o conceito de mínimo necessário de subsistência nunca foi esquecido e sempre esteve presente nos economistas. Kapp fala em critério das condições mínimas de vida (*“minimum adequate living conditions ” (MALC), devendo-se determinar os limites ou as condições mínimas para o respeito pela existência e desenvolvimento humano.* Os MALC serão então as necessidades humanas ou custos, que identifica com os custos do homem de Perroux.

Segundo Kapp devemos dar importância ao conceito das necessidades humanas, devemos importar-nos em calcular os mínimos de subsistência humana, ou seja, os custos do homem como ele próprio admite. Este conceito, segundo Kapp, será *a ferramenta analítica central necessária para uma ciência económica humana.*

“Kapp apresentava duas ideias fundamentais:

A afirmação da centralidade da vida humana como valor primeiro e inquestionável – um valor absoluto, não um valor de troca de mercado – e, em consequência, o entendimento de que a satisfação das necessidades humanas constitui o objetivo último da atividade económica;

A ideia de que é impossível uma definição “técnica” de soluções ótimas. Os objetivos sociais e as metas a atingir devem ser coletivamente (e politicamente) determinados” (Neves, 2012: 138).

Acho a visão de Kapp muito semelhante à de Perroux, no entanto Kapp revela ter ido mais além, indo procurar respostas a outras áreas para complementar o conceito de custos do homem ou as tais necessidades mínimas de vida. Percebeu a necessidade de completar o conceito e, para além de necessidades físicas, também considerou as necessidades psicológicas, por exemplo a necessidade de se sentir integrado na sociedade, a necessidade de se sentir realizado, entre outras.

Gerardin e Poirot (2005) defendem a existência também de uma proximidade entre os trabalhos de Perroux e Amartya Sen, chamando a atenção para as suas complementaridades em matéria de análise do desenvolvimento.

Para Sen o *desenvolvimento é um processo de expansão das liberdades reais de que gozam os indivíduos* (Gerardin e Poirot, 2005), ou seja, para estes autores algo fundamental é que o desenvolvimento traz liberdade, seja dos indivíduos no geral seja a dos agentes económicos. Liberdade essa, que pode ser entendida sob duas perspetivas, a

primeira consiste no facto de cada individuo deve poder tomar as suas decisões livremente, a segunda passa por cada individuo ter um leque alargado de oportunidades, dependendo das capacidades de cada um.

Para Perroux o desenvolvimento era inicialmente «*a combinação das mudanças mentais e sociais de uma população que a torna apta a crescer, cumulativa e duravelmente, o seu produto real*» (Perroux, 1969, p.191). O homem é o centro para o desenvolvimento. Posteriormente, o conceito de desenvolvimento passa a integrar o conceito de global, isto é, deixa de se falar em população como sendo um país e passa se a falar em população como nação global, onde o homem é como que a peça fundamental para o novo desenvolvimento. O autor afirma que urge a necessidade da economia estar virada para o homem no seu todo e para todos os homens, e é através dos custos do homem que se irá satisfazer o bem de toda a população.

Ambos recusam a ideia de que o desenvolvimento apenas depende do crescimento do produto global, tendo Perroux feito referência a isso no seu conceito de desenvolvimento em 1961 (Gerardin e Poirot, 2005). Ambos concordam com a separação entre desenvolvimento e crescimento, e dentro do próprio desenvolvimento existe o problema que já havia referenciado Perroux no que toca a utilizar o PIB e PNB per capita, como, por exemplo, acontece no caso da Venezuela, onde existe um produto (petróleo) em abundancia no país, que deveria trazer receitas elevadas para o país, mas não acontece pois os investimento estrangeiro neste produto serve apenas para próprio benefício, fazendo com que sejam reportados números enganadores.

Cada um à sua maneira introduziu indicadores sociais. Sen foi um dos autores originários do IDH (índice de desenvolvimento humano). Este indicador explica de forma mais adequada a situação de um país (o seu desenvolvimento), através da escolaridade, saúde e longevidade, ou seja, trata do desenvolvimento de um país através do desenvolvimento humano. “*É um indicador de desenvolvimento que está relacionado com o PIB per capita mas também com a esperança média de vida à nascença, a taxa de alfabetização nos adultos e a taxa bruta de escolaridade. Perroux, por sua vez, estabeleceu uma classificação dos indicadores sociais: segundo o seu conteúdo, estatísticas sociais segundo o seu domínio, grupos sociais e a extensão nacional ou sectorial, segundo o emprego e segundo as técnicas de inserção destes indicadores*” (Gerardin, H. e Poirot, J., 2005).

É com estes indicadores que observamos as desigualdades sociais e as falhas de visão da economia tradicional, são indicadores que os agentes económicos passam a poder

utilizar para melhor verificar o desenvolvimento (humano) do país, ou seja, não verificar o desenvolvimento do país através das suas receitas mas sim na qualidade de vida da sua população, verificar a sua educação, qualidade de saúde e liberdade.

Outra grande semelhança entre estes dois economistas é a sua visão de pobreza. A pobreza está presente até mesmo nos países desenvolvidos e prejudica no âmbito de inclusão social. Uma pessoa pode ganhar bem mais que o ganho médio num país subdesenvolvido e mesmo assim ser pobre, e é excluído socialmente como? Como Sen refere, para se incluir numa sociedade há certos bens, não necessariamente bens essenciais, que são necessários para se integrar num grupo ou na sociedade (por exemplo um carro, televisão, entre outros). Muitas vezes as pessoas abdicam de comer para poder obter estes bens, sendo que a fome é das características que mais afeta os países, não estando os Estados Unidos excluídos da miséria e da fome, são aspetos que afetam tanto países desenvolvidos como subdesenvolvidos.

Gerardin e Poirot levam-nos a perguntar o porquê de Perroux não ter elaborado uma teoria tão estruturada quanto a de Amartya Sen. A sua resposta é o contexto político da altura, a guerra fria, em que o socialismo e o comunismo viviam uma constante competição, competição esta que se realçava com os aumentos de produção e o esforço de modernização dos países. Ao competirem desta forma, Perroux fala em egoísmo dos líderes, que não se preocupam com a população mas sim com o aumento de riqueza no país; as próprias empresas viveriam para aumentar a sua riqueza, a sua quota de mercado, ignorando assim o bem-estar da população.

Concluindo, tanto Perroux como Sen conceberam um conceito inovador de desenvolvimento, separado do conceito de crescimento. Ambos se preocuparam e desenvolveram teorias fundamentais para o fim da pobreza e da fome, criticando a falha dos líderes para culminar estas falhas. Ambos falaram nos aspetos negativos da destruição da natureza, prejudicando as gerações vindouras. Gerardin e Poirot afirmam que Perroux e Sen possuem grandes semelhanças, trataram os mesmos problemas mas com aproximações diferentes, e afirmam também que estes autores se complementam no que toca aos assuntos tratados (desenvolvimento, fim da pobreza e da fome, avareza das nações/ líderes).

5 Conclusão

François Perroux, antes de muitos o terem dado como vencedor do nobel em 1977 (porém não o foi), presenteou o mundo com um conceito inovador: “Les coûts de l’homme”, os custos do homem. Grande economista, considerado por muitos como o melhor economista francês do século XX, sempre se dedicou a combater a pobreza humana causada pelos grandes líderes mundiais. As suas obras remetem-nos para o que designa como economia da avareza, que só se preocupa com o aumento da riqueza, ignorando em grande medida os males causados à população. Através de uma cadeia de ideias, detalhada ao pormenor em cada obra, chega à conclusão que devemos trabalhar no sentido de chegar a uma economia do homem, ou como ele dizia, uma economia de todo o homem e para todo o homem. Como já disse este conceito não surge do nada, segue toda uma cadeia de ideias, desde a diferenciação de desenvolvimento e crescimento, que ainda hoje torna o conceito de desenvolvimento revolucionário, passando pelo demonstrar a existência de diferentes formas de abordar e aplicar os custos do homem nas economias desenvolvidas e subdesenvolvidas, as grandes diferenças que as une, e as forças dominadoras das grandes nações nas nações mais fracas.

Ao longo deste trabalho tentei explicar o conceito de custos do homem, e explicar toda a cadeia de ideias apresentadas por Perroux à volta do mesmo. Procurei também mostrar, com a ajuda de autores como Maréchal, Poincaré e Gerardin que haverá semelhanças entre Perroux, Kapp e Sen. Também encontrei, através de Poincaré, as semelhanças existentes com as OMD, apresentadas pelas Nações Unidas, lideradas por Kofi Annan.

Os custos do homem, não podendo ser aplicados por razões óbvias, a economia da atualidade não o permite, no entanto, observamos que continua a ser um conceito que deveria ser importante no pensamento dos jovens economistas e estes devem, tal como disse Perroux, despertar para uma economia verdadeiramente humana, importada com o bem-estar de todo o ser humano, em vez de unicamente pensar na aquisição de riqueza.

6 Referências bibliográficas

Kapp, K. William, (2011), *The Foundations of institutional economics*, Edited by Berger, S., Steppacher, R., London, Routledge.

Maréchal, Jean-Paul (2003), L'héritage négligé de F. Perroux, *L'économie politique*, n°20, 47-63.

Neves, Vítor (2012), A análise dos custos sociais em Ronald Coase e K. William Kapp: duas perspectivas sobre a Economia e a interdisciplinaridade, in Kerstenetzky, Celia e Neves, Vítor, *Economia e interdisciplinaridade(s)*, Coimbra, Edições Almedina.

Perroux, François (1951), *Le capitalisme*, Paris, Presses Universitaires de France

Perroux, François (1952), Note sur les coûts de l'homme, *Economie Appliquée*, vol. 5/1, 139-150

Perroux, François (1960), *Économie et société : contrainte, échange, don*, Paris, PUF.

Perroux, François (1964), *A economia do século XX*, Lisboa, Livraria Morais Editora.

Perroux, François (1978), Trois outils pour l'étude du sous-développement, *Économies et société*, in *Cahiers de L'I.S.M.E.A*, n°27.

Poirot, Jaques (2007), L'économie du don chez François Perroux, in *Revue tiers monde*, n°192, 833-852.

Poirot, Jacques, Gerardin, Hubert (2005), Développement, croissance et progrès, *Économies et sociétés*, n°43/3, 533-563